

RELAÇÃO ENTRE A CRISE URBANÍSTICA E A CRISE CAPITALISTA

CASAGRANDE, Tatiana Gabriela ¹

PEDROSO, Sharon Passini ²

VIEIRA, Anderson ³

MANTOVANI, Cristhian Ribeiro ⁴

MADUREIRA, Eduardo Miguel Prata ⁵

RESUMO

O crescimento da cidade está diretamente ligado ao capitalismo, o qual influencia na urbanização, através dos investimentos fornecidos pela iniciativa privada e órgãos públicos para aberturas de indústrias e centros de comércio. O capitalismo entra em ápice quando as mercadorias, terras e as edificações passam a ter um maior retorno. Os investimentos aumentam e com eles também os valores de retorno e o número de investidores na área imobiliária, inflacionando o mercado e gerando crises especulativas. Este ciclo de quanto maior o número de vendas maior o retorno, foi o ponto inicial para o surgimento dos problemas com relação ao capitalismo e a urbanização. Ambas são decorrentes de grandes investimentos particulares e o controle de capital por uma parcela pequena da população.

PALAVRAS-CHAVE: Capitalismo, Urbanismo, Urbanização, Crise, Contemporânea.

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que o capitalismo influencia diretamente na urbanização, uma vez que propicia o direcionamento do crescimento da cidade, trabalha com investimentos muitas vezes solicitados por órgãos públicos, bem como pela iniciativa privada. Ao fomentar a abertura de centros comerciais, indústrias etc., promove o deslocamento e a concentração de pessoas para este novo local, fazendo com que a cidade passe a desenvolver-se em áreas que antes não estavam previstas.

O capitalismo global está em crise, de acordo com o geógrafo David Harvey. E, segundo esse autor, esta crise está diretamente ligada à urbanização desenfreada, em que muito investimento foi aplicado em áreas privadas, prejudicando a população de baixa renda, a grande maioria (ARUGUETE, 2012).

Buscou-se através deste artigo, identificar os principais pontos em que a urbanização influencia numa eventual crise capitalista, visando encontrar as diferenças entre a urbanização

¹Acadêmico do Curso de Arquitetura e Urbanismo no 8º Período noturno. E-mail: tatiana_casagrande@hotmail.com

²Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo no 8º Período noturno. E-mail: shapassini@gmail.com

³Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo no 8º Período noturno. E-mail: andersonvieira.arq@gmail.com

⁴Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo no 8º Período noturno. E-mail: criisthian.m@hotmail.com.

⁵Orientador da pesquisa, docente do curso de Arquitetura e Urbanismo. E-mail: eduardo@fag.edu.br

contemporânea nas maiores capitais e suas relações com as crises que enfrentam na atualidade, a fim de compreender o impacto da urbanização nesse processo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. URBANISMO

Segundo Lima (2002), o urbanismo é definido como um conjunto das questões relativas a arte de edificar uma cidade. O urbanismo é assim, a forma em que os profissionais especializados mantêm para expressar a sua visão de uma cidade. Urbanismo e urbanização são termos parecidos que diferem pelo fato do primeiro ser a ideia e o segundo a ação.

Este conceito surgiu após a revolução industrial, devido ao aumento do número de pessoas migrando para as cidades. Foi necessária a ampliação dos territórios habitáveis, havendo preocupações de saneamento e organização espacial. Para que isso acontecesse com coerência e qualidade, passou-se a exigir profissionais com experiência nessa área (LIMA, 2002).

Atualmente, o planejamento urbano está em ascensão devido ao grande crescimento das cidades e suas necessidades de espaços planejados para uma crescente demanda. Observa-se também que devido a este crescimento, a questão urbanística é movida pela especulação imobiliária, em que buscam-se os melhores valores de compra e venda. Considerada uma ciência que trata da espacialidade dos espaços urbanos, busca acompanhar o desenvolvimento dos municípios com o objetivo de encontrar melhores meios e maneiras de que a cidade se torne o mais agradável, viável e habitável, onde a população encontre qualidade de vida e conforto em seu ambiente de morada (LIMA, 2002).

2.2. CAPITALISMO

Gomes (2017) considera que o capitalismo direciona o sistema socioeconômico instituído pela propriedade privada, a qual detém os maiores meios de produção e proporciona a liberdade ao ser humano para firmar contratos cujos seus interesses pessoais sejam priorizados.

Possui como base o mercado, o qual produz e faz o intercâmbio de mercadorias, na maioria das transações, o consumo direto não está em primeiro plano. A lei da oferta e da procura é gerida pelo mercado, controla os preços de compra e revenda dos bens materiais, sendo competitividade o combustível deste sistema, portanto, entende-se que essa relação impulsiona e regula a atividade econômica (GOMES, 2017).

O capitalismo por definição garante que um sistema econômico bem formado possuiu um fornecedor de matéria prima inicial, o qual faz transações de troca de matéria prima, bens e serviços, por meio de transações complexas a empresas de grande porte, em que esta, possuiu o controle do capital, determina o preços de compra e venda (GOMES, 2017).

Ao relacionar o urbanismo e o sistema capitalismo, pode-se perceber que os dois se conectam quando pensados em relação às crises imobiliárias, estas que, nos últimos anos, mostraram-se mais evidentes quando pensadas em relação a urbanização desenfreada, em que se busca apenas os investimentos, os melhores valores para compra e venda, gerando uma crise capitalista imobiliária.

2.3. INDUSTRIALIZAÇÃO E URBANIZAÇÃO

A urbanização está vinculada ao processo de industrialização, entrando em estado de necessidade de mobilização urbana, criando uma formação de mercado interno de bens e de consumo não duráveis na concentração de capital nos grandes centros. Acarreta-se o processo de migração da população rural para os grandes centros urbanos, local em que assumem o modo de produção capitalista, possibilita ao trabalhador dispor de sua força de trabalho como mercadoria, garantindo condições de ser "sujeito de sua própria história". Por outro lado, essa forma de trabalho apresenta como negativo, no sentido expropriado dos meios de produção, condição que determina que ele não possua qualquer outra mercadoria para vender que não seja a sua própria força de trabalho (PEREIRA, 2013).

Jean Paul de Gaudemar também estabelece uma relação entre mobilização do trabalho, migração e urbanização. Segundo o autor:

A submissão formal distingue-se da submissão real, de forma desenvolvida da subordinação do trabalho ao capital. A submissão formal parece ser assim o conceito que corresponde à primeira forma da extração da força de trabalho para fora do seu meio de origem. Por isso ela corresponde apenas a um processo de extorsão de mais-valia absoluta. Só a primeiro modo que o capital tem de lançar as suas redes no mundo pré-capitalista, e já significativo só seu domínio, já que dele pela primeira forma. “A passagem da submissão formal à submissão real não é então mais do que a transição de um modo de nominação do capital para outro, no seio do mesmo modo de produção” (GAUDEMAR, 1977, p.267-268).

A concentração da força de trabalho nas cidades permite o acirramento da divisão social do trabalho, fundamental para o desenvolvimento da produção, onde o processo de produção do espaço urbano passa a ter nova qualificação, orientado pelas demandas da industrialização, vinculado ao movimento de reprodução do capital, arquitetura, urbanismo e o planejamento urbano, desenvolvem-se a partir de suas determinações, assumindo assim, suas potencialidades e suas limitações (SPOSITO, 1988).

Urbanização e industrialização são casos que passaram a ser apresentados associadamente, entendidos como um duplo processo, sendo assim, contando com duas facetas, devem ser analisados com afinco a fim de se entender sobre a sociedade contemporânea. (SPOSITO, 1988)

A indústria é o conjunto de atividades do ser humano que tem como objetivo a produção de mercadorias a partir dos produtos oferecidos pelo meio ambiente, portanto, entende-se que todo tipo de produção, artesanal, doméstica, corporativa ou manufatureira. Representa formas de produção industrial, fazendo com que essa produção, seja o primeiro passo para a transformação do espaço, ocasionando assim, a transformação da cidade, antes um local de moradia e lazer, passando a mesma a ser um espaço voltado totalmente para produção (SPOSITO, 1988).

Segundo Sposito (1988), embora a indústria seja a forma pela qual a sociedade apodera-se dos bens oferecidos pela natureza e os transforma, a industrialização é um evento mais completo que data o período conhecido como Idade Contemporânea, fase em que o poder industrial era mais elevado do que o poder econômico. As cidades passaram a ser entendidas como bases territoriais, pois era nelas que se encontrava a força de capital e trabalho, tal concentração de capital e mão de obra deu-se em decorrência do mercantilismo, no qual é o meio de produção capitalista que viu na cidade o seu local de base e suporte.

A análise sobre a industrialização permite o melhor entendimento sobre a urbanização contemporânea, pois esta é responsável por ocasionar as relações entre natureza e sociedade e também a sua maneira marcante de produção. A cidade representa o espaço ideal para se desenvolver as atividades envolvidas na industrialização, uma vez que apresenta condições ideais para os meios de produção, sendo eles espaço e mão de obra e matéria prima (SPOSITO, 1988)

A urbanização atual é resultado das medidas executadas pelo desenvolvimento do capitalismo, que se explica na articulação das relações econômicas, sociais e políticas existentes entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos, a universalização da indústria ocidental garantiu que espaços periféricos fossem alcançados para comércio, gerando assim uma desorganização e até mesmo uma apropriação indevida dos meios de produção destes países (SPOSITO, 1988).

2.4 CRISES CAPITALISTAS E URBANAS

David Harvey afirma que as crises são alimentadas por uma febre na construção civil, provocando um desequilíbrio no capitalismo. Defende que o grande motivo para que ocorram as crises imobiliárias é a má administração e aos precários investimentos em infraestrutura (ARUGUETE, 2012).

Ao refletir sobre a sociedade contemporânea, a industrialização e a urbanização aparece sempre como um fenômeno conjunto de um duplo processo, ou como um processo de duas facetas. A urbanização é vista como um processo que repara a Antiguidade, em que as cidades surgiram por determinadas condições históricas para atender as necessidades da época. Assim sendo a indústria, tem por objetivo a fabricação de mercadorias a partir dos elementos encontrados na natureza com a função de atender às novas necessidades da atividade humana atual. Logo, os meios de produção artesanal, doméstica, corporativa e manufatureira, fazem parte do sistema de produção industrial, com o propósito de transformar a cidade em um espaço de produção. O sistema produtivo industrial começou quando o capital comercial partiu da produção manufatureira produzida nas cidades, fazendo com que ela se tornasse a base territorial na concentração de capital e trabalho, em que esta concentração é resultado direto sobre como se constituiu o mercantilismo, através da produção capitalista. Assim sendo, compreender a urbanização baseado na evolução industrial, é entender a evolução do capitalismo (SPOSITO, 1988).

Devido ao novo ritmo de produção pela industrialização as cidades passam por mudanças estruturais em que o crescimento populacional foi um dos pontos decorrentes. Esta produção industrial em grande quantidade fez com que fosse necessária a ampliação da sua área de abrangência, tornando-se então regional, nacional e internacional. Essa nova realidade significou o encerramento da cidade como sistema institucional e social autônomo e garantiu a constituição de redes urbanas devido ao aumento do fluxo entre as cidades, favorecendo os proprietários de fábricas, que seguindo o sistema capitalista de acumulação e rendimento de capital, passaram a comercializar seus produtos para diferentes cidades, estados e países (SPOSITO, 1988).

Ambos os processos possuem uma relação, mesmo que não apresente equivalência, não se pode dizer que o primeiro decorra do segundo. Os países subdesenvolvidos passam por processos de industrialização em escalas diferentes, suficientes para a o próprio desenvolvimento econômico do capitalismo monopolista. Sobretudo, depois da Segunda Guerra Mundial, a urbanização é resultado do desenvolvimento do capitalismo, que representa as relações econômicas sociais e políticas, existentes entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos (SPOSITO, 1988).

A economia mundial passou por intensos abalos ao longo de todo o século XX. Após os acontecimentos da Primeira (1914-18) e Segunda (1937-45) Guerra Mundial, intercaladas pela Grande Depressão de 1930, as nações vivenciaram uma espécie de esgotamento das fórmulas liberais que marcaram a conduta econômica até então (GASPAR, 2011).

Em seguida, as crises passaram a ser geradas por diversos fatores, entre eles o progressivo estreitamento das margens de lucro das empresas em função da saturação dos mercados, o aumento dos custos salariais e no aumento do valor das matérias primas, a queda nos investimentos, a redução das receitas públicas que acabaram por dificultar a manutenção de programas sociais e do nível de gastos estatais, como também pela diminuição da importância econômica e política dos Estados Unidos no mundo (GASPAR, 2011).

Os impactos e as mudanças ocorridas com a globalização são associados à fase de expansão do capitalismo, da mesma forma que o espaço construído e a natureza estão em uma constante transformação ocasionada pelo homem. Desta maneira, é condicionada a própria fragmentação do padrão econômico no planeta, o qual envolve o desenvolvimento desproporcional com relação ao interior e a pauta entre as diversas escalas geográficas, é deste modo reproduzido: “A diminuição geral nos custos de transporte de nenhuma forma rompe o significado da divisão territorial e das especializações do trabalho. [...] A redução das fricções de distância faz o capital mais (e não menos) sensível às variações geográficas. O efeito combinado do comércio mais livre e da redução dos custos de transporte não é a

maior igualdade de poder por meio da divisão do trabalho em curso, mas crescentes iniquidades geográficas”. (HARVEY, 2005, p. 100-101).

As estruturas espaciais não equivalem a objetos locacionais passivos. Eles são, sim, sinônimos de espaço humano, espaço vital, ambiente construído, embora sua autonomia, face às outras estruturas sociais, seja relativa (PEREIRA, 2013).

Historicamente, o espaço estabelecia um meio de integração entre os ciclos de acúmulo de capital servia como válvula de escape para as crises, pois a economia e a configuração territorial exercem uma interação recíproca. No caso de implicações do meio da economia global, os lugares que mais são afetados, são os espaços urbanos, por serem os principais influxos que alimentam as cadeias produtivas, financeiras, políticas e culturais do mundo (GASPAR, 2011).

Os impactos territoriais da economia mundial subdividam-se em duas manifestações, aquelas que atuam no plano intraurbano, caracterizado por concentrar os setores mais eficientes da economia mundial contemporânea, sendo os modernos serviços produtivos e financeiros, enquanto o segundo representa aquelas que se expressam no espaço regional em torno das metrópoles e dos centros urbanos, diz respeito mais especificamente sobre a nova morfologia urbana, o qual consiste na evidência de que as mudanças econômicas globais ocorridas após 1970 no espaço urbano das grandes cidades excederam as escalas locais e requerem abordagem mais abrangente. (GASPAR, 2011).

A progressiva distinção das práticas sociais e dos espaços urbanos, se torna rudimentar em relação à normatização espacial do urbanismo tradicional, em que é confrontado pela complexidade da “cidade em rede”. Em suma, o sistema mundial contemporâneo, acarreta “uma reestruturação multiescalar das configurações socioespaciais capitalistas”, que gera as “geografias qualitativamente novas de acumulação de capital, regulação estatal e desenvolvimento desigual”. (BRENNER, 2004, p. 14).

3. METODOLOGIA

Este artigo teve como base a pesquisa bibliográfica, a qual fomenta conteúdo significativo sobre o tema, a fim de sanar dúvidas sobre o mesmo. Foram utilizados artigos científicos, sites, entrevistas e livros onde se encontram referenciais teóricos para apresentar, basear e fundamentar

este trabalho. Segundo Gil (2008), o método de pesquisa bibliográfico teórico exploratório proporciona familiaridade com a problemática, ou seja, a pesquisa é com base em experiências do mundo científico.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aumento dos investimentos no mercado imobiliário, muitas vezes, contribui para crises capitalistas e para o crescimento da urbanização e da industrialização das cidades, que passam a desenvolver problemas como o êxodo rural, em que a população do campo, na busca de suprir suas necessidades, vem para as cidades, gerando com essas migrações, uma ampliação de sua área urbana a fim de acomodar seus novos habitantes, necessitando assim, de um novo planejamento urbano, em que o novo projeto se conecte de maneira adequada e coesa com a já existente.

Pode-se concluir que o urbanismo é um fator que contribui para a crise as crises urbanas do capitalismo, no momento em que o direcionamento do crescimento da cidade e os investimentos públicos e privados promovem o deslocamento e a concentração de pessoas em locais onde não eram previstos.

REFERÊNCIAS

ARUGUETE, Natalia. **David Harvey: A crise capitalista também é de Urbanização.** 2012. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/david-harvey-a-crise-capitalista-tambem-e-de-urbanizacao> Acesso em: 20 de Março de 2017.

BRENNER, Neil. **Urban governance and the production of new spaces in western Europe, 1960-2000.** Department of Sociology and Metropolitan Studies Program, New York University. Review of International Political Economy 11:3 August 2004: 447-488. Routledge.

GASPAR, Ricardo Carlos. A economia política da urbanização contemporânea. **Cad. Metrop.**, São Paulo, v. 13, n. 15, PP. 235-256, jan/jun 2011.

GAUDEMAR, Jean-Paul de. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital.** Lisboa: Editorial Estampa, 1977.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Cristiana. **Capitalismo**. 2017. Disponível em:
<http://www.infoescola.com/historia/capitalismo/> Acesso em: 20 de Março de 2017.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

LIMA, João Ademar de Andrade. Urbanismo como ciência, técnica e arte: sua política e sua proteção legal. **Arquitextos Vitruvius**. São Paulo, ano 03, n. 027.04. ago. 2002

PEREIRA, William Eufrásio Nunes. Notas sobre a Intervenção do Estado Capitalista no Espaço Urbano. **Interface** – Natal/RN – v.10 – n.1/2013.

SPOSITO, Maria Encarnação B. **Capitalismo e Urbanização**. 1988. Ed. Contexto, São Paulo.